

# O lago de Balbina põe em perigo os animais

**MURILO MURÇA**  
Enviado especial

Estão sendo alagados 15 mil quilômetros quadrados de matas amazônicas por dia, desde a última quinta-feira, apesar de ainda não ter começado o período das chuvas na região. No dia 1º de outubro, a equipe de Engenharia da Eletronorte fechou as comportas da barragem de Balbina, da usina hidrelétrica de Balbina (a 150 quilômetros ao Norte de Manaus) com o objetivo de formar um reservatório de 1.580 quilômetros quadrados, o décimo quinto maior lago artificial do mundo, para geração de apenas 110 megawatts de energia, em média, embora com capacidade instalada de 250 megawatts.

O fechamento das comportas foi antecipado em pelo menos um mês, sem que tivessem sido tomadas as medidas necessárias para resgate dos milhares de animais que estão sendo expulsos de seu habitat na medida em que as águas sobem acima de cinco centímetros por dia, numa região muito plana.

Somente agora estão sendo construídas as bases de resgate para aprisionamento dos animais que serão, depois de examinados e classificados, enviados a instituições de pesquisa, zoológicos, criadores particulares, ou devolvidos mata ou ao rio.

Milhares de macacos, cobras, veados, onças, tamanduás, preguiças, lagartos, aranhas, raposas, capivaras, queixadas, jabotis e aves estão sendo levados para regiões mais altas, isolados em pequenas ilhas e copas de árvores, ou morrem, na área em que está sendo formado o lago.

Com o corte da vazão do rio Uatumã, que praticamente secou abaixo da represa, toneladas de peixes esperam a morte em poças, por falta de alimentos e oxigênio, ao lado de botos que já sofrem com a elevação da temperatura das águas.

Enquanto 300 homens, orientados por equipes de veterinários e biólogos, tentam apressar o resgate dos animais ameaçados pelo lago, com poucos resultados até agora, uma outra equipe de arqueólogos, antropólogos, geólogos e técnicos correm atrás de sítios arqueológicos que estão sendo submersos. Essa equipe começou a trabalhar somente em maio passado (em Tucuruí, o trabalho foi iniciado com quatro anos de antecedência e hoje já se prepara o levantamento arqueológico da represa de Cachoeira da Porteira, que será

chela somente após 1994), localizando 72 sítios arqueológicos que ficarão perdidos para sempre sob as águas. A equipe de campo, que voltou ontem, havia encontrado, na última semana, mais cinco desses sítios de importância relevante para a arqueologia.

Ao Norte, a barragem afetará ainda os índios vaimiri atroari, que terão uma pequena parte de sua reserva inundada pelas águas, o que os obrigou a transferir duas malocas. Na reserva indígena, com 2,4 milhões de hectares, dos quais serão inundados 26 mil hectares, ou 1,38% da área, vivem 374 índios. Deles, 105 das aldeias de taguari e tapupunã estão se transferindo com apoio da Eletronorte.



Julio Fernandes  
Preguiça salva das águas

Na área a ser alagada, foram localizadas apenas sete famílias, no início da construção sendo que seis delas retiraram-se espontaneamente, buscando outras áreas, permanecendo apenas um velho, "seu" Antônio, que morava a duas horas de barco do local da represa e está mudando, depois de indenizado, para as proximidades da Vila de Balbina, onde permanecerá a equipe de operação da hidrelétrica.

Abaixo da represa, às margens do Luatumã, no entanto, vivem 64 famílias que sofrerão diretamente o que deve ser o mais grave problema gerado por Balbina: a degradação da qualidade da água. Consultados, os moradores preferiram ficar nos locais onde sempre viveram, apesar de serem obrigados, nos próximos anos, a beber água dos poços construídos

pela Eletronorte, mesmo tendo um rio passando à sua frente.

Um rio que estará quase morto e com poucos peixes até que haja uma recomposição do equilíbrio ecológico, embora, nunca deva voltar ao normal.

## RECORDE

A grande riqueza da região é o maior problema de Balbina, talvez a mais polêmica das hidrelétricas do País quanto aos aspectos técnicos e econômicos, superiores até mesmo aos de Tucuruí e Itaipu. O complexo de Tucuruí, eixo de um dos maiores escândalos financeiros já registrados (Capem) e protótipo de hidrelétrica da região amazônica, com características diferentes de todas as experiências realizadas no mundo, deverá gerar oito mil megawatts com seu lago de 2.340 quilômetros quadrados. Ou seja, alagou-se 0,45 quilômetros quadrados para a produção de cada megawatt.

Para cada megawatt produzido em Balbina, serão alagados 14,5 quilômetros quadrados, o que deve transformá-la em mais um recorde brasileiro: a maior área alagada por quilowatt produzido. O coordenador de Meio Ambiente da Eletronorte, Willy Antônio Ferreira, disse, no entanto, que dos 2.360 quilômetros quadrados reservados como área máxima de alagamento, dois mil eram de terras devolutas e os outros 360 haviam sido doados a grupos econômicos do Sul do País que nem sequer se interessaram em conhecer o local. Potencialmente, continuou Ferreira, as terras não apresentam possibilidade de aproveitamento agrícola ou para pecuária, pois os estudos geológicos realizados indicam solos arenosos, altamente ácidos.

Com produção média de 110 megawatts, pelos próximos cinco anos, Balbina estará atendendo, a partir de 1º de outubro de 1988 — quando entrará em funcionamento — pouco mais de 50% das necessidades de Manaus, que hoje consome em torno de 200 megawatts produzidos por termelétricas que consomem 569 mil litros de óleo diesel por dia, mais 1.053,5 toneladas de óleo combustível, o que representa um custo de Cz\$ 10,5 milhões por dia ou US\$ 60 milhões ao ano. O custo total de Balbina, incluindo o custo de linha de transmissão, ficará em US\$ 700 milhões para uma vida útil de no mínimo 50 anos, embora as previsões sejam de que vá produzir por mais tempo.